

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4313

Notícias de Guimarães

A' Ex.ma

Sociedade Martins Sarmento

Guimarães

— AVENÇA —

Composição e impressão:

Vamos a isto, Conterrâneos! A PENHA Ai dos Vencidos!

A propósito do artigo que publicámos, com este título, do nosso distinto Colaborador Sr. A. L. de Carvalho, recebemos do ilustre Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, Sr. Dr. Hugo de Almeida, a seguinte carta:

Guimarães, 27-1-1954.

... Sr. Antonino Dias Pinto de Castro, Director do «Notícias de Guimarães»:

O apelo dirigido aos vimezanenses pelo brilhante articulista A. L. de Carvalho no seu artigo subordinado à epígrafe «Vamos a isto, conterrâneos!», no «Notícias» de 24-1-1954, merece o nosso mais veemente aplauso.

Efectivamente, ao fazermos o balanço das realizações efectuadas na nossa Terra, amargamente chegamos à conclusão de que a pequenês do somatório está em manifesta desproporção com as múltiplas questões que reclamam solução imediata.

Enquanto as terras que nos circundam entram abertamente numa fase progressiva, nós continuamos vinculados a processos de trabalho que pecam pela morosidade e lentidão.

Ausulta-se o ambiente vimezanense, o seu estado de alma e sente-se o desânimo que tudo invade, mas que urge sacudir a golpes de acção fecunda, de trabalho operoso, sob pena de nos afundarmos num mar de indiferença e passividade.

As pessoas com responsabilidades sociais isolam-se, refugiam-se nos comodismos da sua vida caseira e procuram divorciar-se de tudo aquilo que represente actividade em prol do bem comum, invocando, inclusivamente, protestos fúteis.

Nós continuamos a afirmar que o povo vimezanense é detentor de ancestrais qualidades que fizeram da nossa Terra um centro de devoção bairrista, de afectuoso apego ao lar natal. Rareiam, apenas, os dirigentes que num abnegado sacrifício se disponham com ânimo, com vontade, com persistência a trabalhar por Guimarães, de forma a alcançar a nossa Terra ao lugar a que ela tem pleno jus.

As nossas forças vivas, com raras e honrosas excepções, estão exangues. E se quisermos numa só palavra sintetizar a situação da maior parte das nossas instituições encontraremos esta palavra expressiva — *inação*. Na verdade, os nossos organismos estão quase todos subordinados à lei do menor esforço. Há que dinamizar este corpo inerte e pôr em movimento as ricas potencialidades da grei. Guimarães tem de enveredar abertamente pela senda do progresso ainda que para isso se exija a abnegação e o sacrifício dos seus filhos, pois estamos certos de que entre nós não falta quem esteja disposto a lutar pelo engrandecimento desta Terra. E, para conseguirmos este objectivo, não tenhamos dúvidas em usar de voz enérgica e sacudida, de imprimir às nossas reclamações, quando revestidas de justiça, acentos firmes e vibrantes, visto que os significativos de empório industrial e de altar da Pátria que engrandam o nome de Guimarães não são apenas imagens literárias, mas reali-

dades económicas e históricas, vivas e perenes.

Na função pública não há lugar para exhibições de vaidades. Só aqueles para quem o bem comum constitua ideal vivido a todas as horas e momentos podem com dignidade e eficiência exercer lugares de direcção, de comando, de molde a converter as instituições a que presidem em fontes de realizações, de engrandecimento local.

A falta de espírito colectivo na escolha dos dirigentes, aliada à convicção que muitas pessoas alimentam de que estão fadadas para todos os lugares, está a produzir na vida pública efeitos perniciosos.

Urge arrepiar caminho e seguir à risca o velho ditado inglês «the right man in the right place».

Não tem a U. N. funções administrativas e, portanto, não está indicada para comandar a era de renascimento local que A. L. de Carvalho pretende confiar ao organismo político a que presidimos. No entanto, cumpre-nos auscultar a opinião pública e acompanhar de perto todos os reflexos de ordem política da Administração.

E, neste sentido, ainda há bem poucos dias a C. C. da U. N. de Guimarães teve ensejo de expor ao Sr. Presidente do Conselho os perniciosos reflexos de ordem política que a morosidade no início da construção do Palácio de Justiça está a causar no meio vimezanense.

«A construção do Palácio de Justiça, dizia a exposição enviada, além da instalação dos serviços judiciais em condições de plena eficiência, viria desanuviar o ambiente político de Guimarães e avigorar a fé deste povo no progresso da sua Terra».

31 DE JANEIRO DE 1891

Já lá vão 63 anos!
O ultimatum inglês tinha sido como um esgarro hidiondo atirado à cara honrada deste velho herói que se chama Portugal.

E o bjo nacional, ofendido e ferido, ergueu-se ao alto como almas de labaredas ou como baionetas em pé de guerra, prontas a lutar e a vencer.

O nome de Portugal era a flor luxuosa das líricas aspirações sagradas — vibrando e chorando (como uma bandeira ou como olhos longínquos procurados), na alma de todos os portugueses mártires que deram um pouco do seu sangue de ouro à História da Pátria.

E a revolta germinou e ecoou. A indignação gritou apoteoses e desesperos trágicos nas almas dos portugueses. E cada baioneta armada (em face da Morte ou em face de Deus), estava disposta a lavar com sangue a integridade da nação.

O verbo quente dos idealistas cantou a epopeia de Portugal pela voz dos canhões — como um povo que ap-

Um interessante depoimento do Presidente da União Nacional

E, noutra passagem: «Efectivamente, Ex.^{ma} Sr. Presidente do Conselho, a cidade de Guimarães, apesar da intensa remodelação que o país sofreu de lés a lés sob a fecunda orientação de V. Ex.^{ca}, ainda não viu um só dos seus serviços públicos instalado em edifício próprio e condigno».

A propósito do novo Tribunal, seja-nos permitido afinar que a promessa da sua construção vai converter-se numa esplendorosa realidade, num local condigno, com todas as condições para ser num futuro próximo uma grandiosa Praça de Guimarães.

Desculpe-me, Sr. Director, roubar-lhe tanto espaço com esta carta, mas não quis perder esta oportunidade para manifestar publicamente, ao ilustre colaborador do «Notícias de Guimarães», A. L. de Carvalho, a minha concordância com o seu artigo subordinado ao título «Vamos a isto, conterrâneos!», e desde já afirmar que a U. N. está disposta a todos os sacrifícios em prol desta Terra, resolutamente decidida a prestar o seu concurso a um movimento de exaltação local, capaz de rasgar a Guimarães uma era de intensas realizações. Para isso precisamos do apoio, auxílio e patrocínio do Poder Central, que, certamente, não será negado. Saibamos nós, pela nossa união, conjugação de esforços e persistente actividade, dar um exemplo de amor à Terra, que o resto não será regateado.

Com os meus agradecimentos,

Hugo de Almeida.

rece de frente a milhões de povos sanguinários, disposto a morrer de pé, sacrificado e sublime.

Os escritores desse tempo souberam acompanhar o mártir da Pátria, e entendê-lo e expulsá-lo: Sampaio Bruno, Basílio Teles, Latino Coelho, Elias Garcia, Gomes Leal, Heliodoro Salgado, Junqueiro, etc.

E na imprensa («A Pátria», «O Rebate», «O Ultimatum», «Debates» e «República Portuguesa») choravam as angústias de Portugal.

¿Porquê?

Porque o Povo era infeliz e desgraçado. E, desgraçado e infeliz, este povo sentia uma ânsia de revolta contra todos os tripúdios que haviam cuspidos sobre o seu nome de mártir e de herói e sobre as páginas da sua História, que tantas vezes ele escrevera com sangue, em horas dolorosas e gloriosas.

O 31 de Janeiro de 1891 não é um feito da história da República. É, sim, um feito da história de Portugal, talvez um dos mais brilhantes e mais

Continua na 2.ª página.

O nosso jornal, pela pena do seu ilustre Colaborador M. sustentou, há anos e durante muito tempo, uma justa campanha contra o abuso da destruição da Pitoresca penadia da Penha, pelos pedreiros que estavam autorizados pelos respectivos proprietários dos terrenos.

Para o facto chamou, aquele nosso Colaborador, a atenção da Câmara, pedindo providências para aquele facto que tanto estava a prejudicar a beleza paisagística da nossa bela montanha.

Verifica-se que não foi infrutífera a Campanha, porquanto aos esforços da Câmara, da Junta de Turismo e, principalmente da Sociedade Martins Sarmento, por intermédio do seu incansável Presidente sr. Coronel Mário Cardoso, junto da Secção de Arqueologia da Junta Nacional de Educação, se fica a dever, agora, o ter sido a Penha considerada e classificada *imóvel de interesse público*, devido à sua importância sob o ponto de vista turístico e arqueológico (Decreto N.º 39.175 de 17-4-1953 e Portaria de 31-12-1953).

Assim, não mais se poderão praticar naquela Estância de Turismo vandalismo impunemente e quaisquer cortes de pedra só com autorização das autoridades competentes serão permitidos.

Regozijamo-nos com o êxito da campanha do nosso Colaborador M., mercê do interesse que a mesma suscitou nas entidades a que acima nos referimos as quais são dignas, igualmente, do nosso aplauso.

Sessenta e três anos são decorridos após a eclosão do movimento revolucionário do 31 de Janeiro.

Algumas unidades militares acompanhadas do povo içaram a bandeira verde-rubra no mastro do edifício da Câmara Municipal do Porto, aos brados entusiásticos de — Viva a República!

Este acto histórico que marcou o primeiro advento do regime republicano em Portugal, não se teria precipitado, não viria à rua em 1891, se não tivesse atrás de si a impulsão-a a afronta do *Ultimatum Inglês*.

Uma das primeiras manifestações de protesto observou-se na cidade de Lisboa, por esta maneira lírica, mas significativa: a estátua de Luís de Camões, o épico cantor das glórias nacionais, foi coberta de crepes, com uma legenda, que dizia assim:

«Estes crepes que envolvem a alma da Pátria, são entregues à guarda do Povo e do Exército. Quem os arrancar ou mandar arrancar, é o último dos cobardes vendido à Inglaterra!»

Não vingou a revolta militar, cuja eclosão se deu na madrugada de 31 de Janeiro de 1891.

Os revolucionários militares e civis foram julgados em conselho de guerra. Da sua energia moral falaram alguns depoimentos.

O sargento Abílio, que eu ainda conheci, respondeu por esta maneira altiva:

— Foi da melhor vontade que entrei no movimento, e

não declino a responsabilidade do meu acto!

O chefe militar do movimento, capitão Leitão, respondeu por esta forma corajosa:

— «Não receio, não temo o castigo. O que fiz, foi o princípio de alguma coisa. Ficarei satisfeito, serei feliz, se a semente frutificar!...»

Não eram mercenários, antes idealistas, os pioneiros da Revolta do 31 de Janeiro.

A sua grandeza de alma, o seu sacrifício heróico, mereceu, como é costume, os apodos mais vis por parte de certa opinião. Alves da Veiga, o chefe civil da Revolução, foi acusado de se locupletar com dinheiros públicos. Como remate, sofreram, — civis e militares —, o exílio, o cárcere, a perda das suas posições na vida.

Nem todos, porém, encararam os revolucionários como uns «vis traidores», uns «criminosos de lesa-pátria». Quem serenamente soube apreciar esse acontecimento histórico, viu nele não uma vulgar cedição de caserna, não uma rebelião de intuítos partidistas, antes uma rajada de civismo, de dignidade nacional.

Para glória da nossa terra, distinguiu-se Guimarães nessa justa apreciação do facto histórico. No momento triste em que se fazia o comentário oficial do acontecimento, dirigiram as corporações representativas da Nação suas felicitações de lealdade ao Rei e ao Governo.

A Câmara Municipal de Guimarães também satisfez a essa obrigação oficial, man-

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

sobre A IMPRENSA

Não é fácil a tarefa de quem toma a responsabilidade ingente de manter um jornal na província — um jornal, claro está, que não conta com protecções de ninguém e que busca apenas na dedicação dos seus leitores e anunciantes o apoio básico da sua existência.

Essa tarefa é árdua, embora o não pareça e exige muitas canseiras, muitas energias e um conjunto de possibilidades de ordem material que nem sempre corresponde a necessidades de ordem económica.

Além disso, impõem-se um espírito elevado de abnegação e um sentido intuitivo na análise dos problemas e das causas que representam os interesses regionalistas, apreciados na generalidade dos seus reflexos morais e sociais.

A acção da imprensa regional tem características inconfundíveis de verdadeiro apostolado.

Ela vive pela dedicação, pelo amor e pelo entusiasmo fremente dos seus elementos, que se esforçam por imprimir a cada linha do jornal, a nota ardente dessa paixão feita combatividade e renúncia.

Simpática mas espinhosa a missão da pequena imprensa, delineada nos fulgores de um patriotismo puro e integral — ideal de Terra e Pátria, de Fé e Esperança.

Os interesses regionalistas têm de ser a sua preocupa-

ção primeira — e nisso estamos plenamente de acordo com um ilustre colaborador deste jornal, a quem prestamos homenagem pelo desassombro, pelo brilho e pela firmeza inabalável com que os defende — num esforço vantajoso para a terra e para a comunidade.

Nesta ordem de ideias temos que convir que um jornal afastado dessa orientação não justifica o motivo primacial da sua vida.

O jornal tem que educar, instruir, propugnar — despertando sentimentos de compreensão, de solidariedade, de tolerância.

É um instrumento de cultura e uma força de inteligência.

Já escrevemos que o jornalismo construtivo implica uma grande responsabilidade, pelo menos para aqueles que colocam a consciência acima da inteligência ou subordinam esta aos prin-

Exaltação à Luz

Ó madrugada, irmã do pensamento!
Rompendo as trevas com o mesmo afã,
De vós se gera a ideia e a manhã
Como se encontra a luz e o entendimento!

O vácuo, o que é não ser, é coisa vã;
Que não é nem augúrio nem tormento
Do ser criado; — a luz é movimento,
E a ideia, imagem fiel de quanto há!

Do sopro primitivo e onnipotente
Que fez do caos isto que hoje é ente
Sobrepujando a concepção do nada,

Há vida ainda, há luz, discernimento:
— A manhã — irmã do pensamento,
E o pensamento — irmão da madrugada!

s. 1-XI-53

AGNELO CORREIA JÚNIOR.

Z E R O

A ignorância do que esteja previsto de melhoramentos para o concelho, no orçamento do ano corrente, não impede a certeza de que, atendendo à banalidade insulsa das bases oportunamente publicadas, nele os números terão sido arrumados de qualquer maneira que as somas de receita e despesa se ajustem aos moldes legais, sem quaisquer outras preocupações.

No plano de actividades, que deve constituir a base dando a sua «mensagem», da qual se destacam estas palavras:

«A Câmara Municipal de Guimarães faz votos porque o Governo de Vossa Magestade vingue, dentro do direito constitucional estabelecido, assegurar a tranquilidade pública, sem dúvida menos carecida de extremos de rigor, que da correcção de erros e abusos, com cuja denúncia os partidos em suas reciprocas acusações têm levado o descontentamento dos povos ao sabido grau de descrença e desesperança».

Nobre e activa atitude era esta, a confrontar com a daqueles Municípios em vassalagem quebrada, bajulante, de mistura com expressões de vindicta contra os vencidos.

Comentando a «mensagem» da Câmara de Guimarães, escreveu Rodrigues de Freitas, o insigne Professor:

«Estas sinceras frases foram subscriptas pelos srs. Conde de Margaride, dr. Joaquim José de Meira e Eduardo Manuel de Almeida.»

Com efeito, tais expressões, sem deixarem de ser testemunho de leal monarquismo, são ao mesmo tempo uma clara afirmação de independência, pois dizem ao Governo, e o aconselham, — a não usar de medidas de repressão excepcionais, porquanto, dentro do direito constitucional estabelecido, assegurar a tranquilidade pública».

Foi, todavia, mais longe a «mensagem» da Câmara Municipal de Guimarães no seu comentário ao facto histórico do 31 de Janeiro. Serenamente, vindo com larga visão crítica a causa determinante da eclosão militar da cidade do Porto, não teve receio em afirmar que, — a Nação, estava «menos carecida de extremos de rigor, que da correcção de erros e abusos com cuja denúncia os partidos em suas reciprocas acusações tinham levado o descontentamento dos povos ao sabido grau de descrença e desesperança».

Na passagem do 65.º aniversário da Revolta do 31 de Janeiro, fica bem recordar a lição de apuro moral e cívico oferecida pela edilidade vimaranense de 1891.

A. L. DE CARVALHO.

ciptos da razão, da justiça e do direito.

E acrescentamos que esse jornalismo interpreta as aspirações do homem, as suas ansiedades, os seus sofrimentos, correspondendo à sua necessidade espiritual, ao choque dos seus problemas íntimos, à pugna das suas ideias, ao debate das suas inquietações, ao domínio das suas dúvidas.

Sem anular a sua acção cívica, o jornal, que não pode abstrair-se do seu carácter informativo, por convencionalismos já tradicionais que não trazem o mal ao mundo... nada tem a perder dando guarida, com ou sem genero-

fundamental para organização do orçamento, aparece mencionada, logo na sua primeira alínea, a «continuação de obras já iniciadas, procurando-se levá-las até à sua conclusão».

Realmente impõe-se ao mais elementar conceito do que possa ser uma boa administração, começar por assegurar, antes de qualquer outra obra nova a empreender, a continuação e conclusão do que estiver já iniciado. Se assim não se procede, o caos será fatal e dentro de pouco não haverá mais do que ruínas.

Guimarães tem uma obra iniciada há muitos anos, em que está gasto muito dinheiro, que é necessária, bela e corresponde magnificamente à nobreza das velhas tradições vimaranenses: a dos seus Paços do Concelho. Não lhe destinar no orçamento verba suficiente para a sua continuação e conclusão é, além de imperdoável, desacreditar, logo no começo da sua primeira linha, o plano aprovado e publicado.

Todavia não consta que essa verba figure, enfim, no orçamento deste ano, nem é provável que nele tenha sido incluída.

A seguir, na segunda alínea do plano, vem o anúncio de que se projecta o início de outras obras já incluídas no plano do ano anterior ou que aguardam participação do Estado.

Mas disto não há maneira de se sair há uns poucos de anos; repetem-se as mesmas frases; os projectos são inalteravelmente os mesmos; as verbas ou são iguais ou pouco diferem; simplesmente os anos passam-se e os projectos não se executam; e dos saldos que deviam constituir as verbas que deixaram de ser aplicadas na execução que não se efectuou e que, hoje, acumulados, deviam atingir uma enorme soma, ninguém sabe.

Renovou-se a canalização da água e solucionou-se, com mais ou menos felicidade, o problema da sua captação; mas isto fez-se à custa da receita especial de um empréstimo e deve-se à iniciativa de um estrangeiro que passou pela presidência do nosso município e em poucos meses soube realizar o que a gente da nossa terra, em anos sucessivos de hesitações e palavrados, não foi capaz de resolver.

A cidade já não morre de sede, pelo menos a sua parte baixa, pois nos pontos altos ainda as falhas são grandes quando no tempo das secas, a água da Penha lhes não acode. Constroem-se lindos bairros de casas limpas e atraentes, de rendas que, sem serem baratas, são conduzidas acessíveis, e nem uma gota de água lhes fica próximo para as mais simples necessidades domésticas: da Madre de Deus têm os habi-

sidade, a «expansões individuais de mera especulação literária».

Aqui, os nossos pontos de vista estabelecem ligeiro antagonismo com o ilustre colaborador, pois uma expansão individual — assim o compreendemos — leva quase sempre a nota impressiva do espírito — no predomínio da observação, da ansiedade, do complexo psicológico donde irradiam sentimentos compreensivos de humanismo, de interpretação anímica.

Isto nos domínios ou conhecimentos duma literatura que no realismo ou no intimismo dos temas procura definir princípios conceptuais

Rotary Clube de Guimarães

Na reunião de quarta-feira do Rotary Clube de Guimarães, à qual presidiu o sr. Leandro Martins Ribeiro, foram apresentadas algumas comunicações e lido o expediente pelo secretário sr. José Abílio Gouveia que, na sua qualidade de delegado do Clube à 8.ª conferência do Distrito, deu, sobre a organização desta, alguns esclarecimentos.

A Palestra regulamentar foi proferida pelo sr. António Ribeiro Ferreira Caldas, que intitulou o seu interessante trabalho: «O Castelo de Guimarães, o seu valor na idade média e a sua primeira rendição».

Foram tratados outros assuntos de interesse para o clube e feita a habitual quete para o fundo Paul Harris, que rendeu esc. 162\$50.

O presidente ao encerrar a sessão, depois de haver feito algumas considerações sobre os trabalhos, marcou a próxima reunião para o dia 10 de Fevereiro.

tantes de vir ao Cano para se abastecerem e acarretarem a cântaro a que lhes é precisa para se lavarem e cozinhar.

Os meios de comunicação, ao contrário do que sem fundamento se afirma em documentos que, pela sua proveniência, deviam ser redigidos com verdade e cuidado, continuam a ser escassos e na sua maior parte impraticáveis; e, quanto a viação acelerada, só a irreflexão, sem sair da cortesia devida, podem ser atribuídas as referências satisfatórias que neles se lêem. Na grande maioria dos caminhos que existem, apenas e com custo os carros de bois, de eixo móvel, são utilizáveis e, para se conseguir umas camionetas para a Penha, que, todavia, pelo itinerário e horário que se lhes determinou, estão longe de satisfazer os fins turísticos a que se devia ter atendido, foram necessários muitos anos seguidos de uma campanha incessante e ardorosa.

Como irrisória continua a ser a cega-rega de em todos os planos figurar o alargamento da Rua do Padre Gaspar Roriz, a continuação da Rua do Picoto, o arranjo do Largo da Misericórdia, a pavimentação da Rua da Liberdade, a aquisição de terrenos para um campo de jogos e para uma estação rodoviária. Para isto tudo se destinam todos os anos verbas que totalizam cerca de 1.500 contos; e no fim de cada ano tudo continua por fazer e do destino dado aos 1.500 contos não aplicados ninguém quer saber. É também um chafariz, de lindos efeitos luminosos, mas desequilibrado, furado, desgracioso e desajeitado, no lugar impróprio que lhe destinaram.

E é tudo que se tira de mais um orçamento que será o último desta vereação; iniciativas de utilidade para o progresso de Guimarães, nada; o ramerrão do costume; o não-te-rales e sobre o Governo todas as culpas que só cabem a quem não tem prestígio nem competência para se lhe dirigir.

de valorização moral, social e espiritual do homem.

Vem esta dissertação a propósito das expansões que temos contido a este jornal e se elas têm ou não correspondido a uma objectividade de literatura construtiva, ignoramo-lo — restando penitenciar-nos se não o conseguirmos, à mingua de recursos intelectuais.

Deve, porém, o distinto articulista concordar que nem todos podem abordar — como ele o faz — certos problemas de interesse local, ou porque receiam que os acioimem de intrusos ou porque se consideram incapazes de dominar a imensidade jurídica e bu-

Officinas de S. José

Acerca de uma notícia que foi publicada em alguns jornais diários, recebemos, com pedido de publicação, a seguinte carta:

... Sr. Director do «Notícias de Guimarães»

Muito agradeço a V... a fineza de se dignar publicar a seguinte

Rectificação

Li com surpresa a notícia hoje divulgada da criação de um Patronato nas Oficinas de S. José, para albergar 500 Rapazes.

Lamento a precipitação de tal notícia, porque não corresponde à realidade. É certo que eu e o Vice-Presidente ocasionalmente trocamos impressões sobre o assunto com o Senhor Governador Civil; e S. Ex.ª, com o seu peculiar carinho pelas Obras de Assistência, prometeu o seu melhor apoio. Mas nada está resolvido, nem sequer a ideia é do conhecimento de toda a Comissão Administrativa; e só a Esta pertence estudar, resolver e realizar tal obra.

Se é verdade que o muito digno Director das Oficinas, no seu conhecido zelo apostólico, acolheu esse projecto, outros anteriormente dele cuidaram, vindo-o desfazer-se como o fumo, pois que, na verdade, se trata de obra de grande vulto.

Faço os melhores votos por que se torne um facto essa modalidade de assistência, como Guimarães tanto necessita.

Com os meus respeitosos cumprimentos me subscrevo

De V...
muito reconhecido

Guimarães, 28-5-54

O Presidente da Comissão Administrativa das Oficinas de S. José.

Dr. Eduardo de Almeida

Decorreu com muita felicidade, o que nos apraz registar com a maior satisfação, a intervenção cirúrgica a que este nosso querido amigo e ilustre colaborador se submeteu, anteontem, no Hospital do Carmo, do Porto.

Sinceramente desejamos a continuação das melhoras do prestimoso vimaranense, felicitando-o também, pelo seu aniversário natalício que passa a 3 de Fevereiro.

Obras do Saneamento

Quando atravessava a vala, ha muitos meses existente na Rua Dr. José Sampaio, foi vítima de uma queda, Maria Lopes Faria, solteira, servical, de 25 anos, da Rua Conde Arnoso, que ficou bastante ferida, tendo de recolher ao Hospital da Misericórdia.

Vem a propósito dizer que aquelas obras se eternizam, com enorme prejuizo e incalculável transtorno para todos os moradores daquela artéria. Os protestos têm sido muitos e justificados, e oxalá que, mercê deles, sejam tomadas as necessárias providências.

«O Lar do Comércio»

1.ª extração do Natal de 1953 — Janeiro de 1954.

Relação dos números premiados: 1.º prémio, 617622; 2.º, 635157; 3.º, 174355; 4.º, 689257; 5.º, 522500; 6.º, 296987; 7.º, 492293; 8.º, 787488; 9.º, 150885; 10.º, 525737.

Aproximações: Ao 1.º prémio, 617621 e 617623; ao 2.º prémio, 635156 e 635158.

A entrega dos prémios só se fará contra a apresentação do bilhete.

Os prémios desta extração não reclamados até 30 de Abril de 1954, reverterão a favor desta Casa de Assistência.

ANDARES Alugam-se, independentes, sendo um com 5 e outro com 6 divisões e água encanada, na Rua da Arcela.
Esta redacção informa. 451

rocrática em que têm de fundamentar-se, por vezes, opiniões e estabelecer critérios deutivos.

A pequena imprensa pode muito bem desempenhar-se da sua missão sem deixar de acolher, na medida do possível, os temas literários que correspondam realmente à elevação cultural e espiritual da comunidade.

Na pequena imprensa começaram célebres escritores, que a prestigiaram e engrandeceram, não traduzindo esta afirmativa a veleidade de virtuosos a ser gente num caminho de eleitos, onde já percorreram alguns quilómetros...

SOUSA MACHADO.

31 DE JANEIRO DE 1891

(Continuação da 1.ª página)

arrojados. Porque se em velhos tempos Portugal foi senhor de meio mundo (e soube manter esse poderio a golpes de montante, sobre a terra, sobre o mar), em 1891, o mesmo Portugal (povo imortal de caravelas e guitarras!) soube gritar a um dos povos mais poderosos do Mundo a sua épica revolta de trovador e guerreiro. E porque o 31 de Janeiro é um feito da história, é que João Chagas bem alto o proclamou:

«31 de Janeiro é uma data nacional, porque afirmou, sendo a preponderância, a existência duma causa nacional, integrada com os princípios republicanos, mas nem por isso deixa de ser uma data militar, porque inquestionavelmente foram militares que a fundaram. 31 de Janeiro de 1891 pertence à biografia dos regimentos. De futuro, infantaria 10, infantaria 18, caçadores 9, cavalaria 6 poderão inscrevê-la nos seus estandartes».

Era preciso redimir Portugal, como se redime um justo. O Povo queria-o. Queria-o a História. O Direito e a Justiça queriam-no também. ¿Por que se esperava então?

Pelo grito mais alto e dinâmico e electrizante da hora sublime. E esse grito (brado ou gemido, reza de arma ou murmúrio de lábaro manchado) soou e ecoou.

Era a revolta, em acção e resgate. Um punhado de bravos, às 3 da madrugada, do dia 31 de Janeiro de 1891, pela voz dos clarins, apontou a todas as consciências da Pátria o seu dever.

¿Venceram?

Não. ¿E que importava vencer — se bastava apenas o protesto (alto e firme, violento e sangrento) para lavar a dignidade de Portugal?

«A Revolta do Porto originou-se em perturbações sociais que suficientemente a fundamentaram já» — disse João Chagas.

Militares como o capitão Leitão, tenente Coelho, alferes Malheiro, alferes Trindade, artistas como Verdial, poetas como Alexandre Braga, apóstolos como Felizardo Lima, Santos Cardoso, Afonso Costa, Abade de S. Nicolau e Simões de Almeida — todos eles, todos, viram ruir o seu sonho lírico de vitória e de beleza naquela fria manhã de 31 de Janeiro de 1891.

No seu gesto iluminado e desesperado gemiam pesadelos e superstições da Pátria.

O 31 de Janeiro não pertence ao número dos grandes sacrifícios infecundos. Não. Os leões revolucionários caíram — mas o seu vigor de sangue e de semente (como hálitos de rosas manchadas e trucidadas), gritou e fecundou a terra arável e amorável de todas as consciências. A História guarda os nomes de lenda e de luta daqueles que ao pé da Morte rezaram silêncios de vitórias, daqueles que de corações ao alto (como bandeiras ou como castelos dum reino d'alma), bradaram em defesa da Pátria:

— A's armas! A's armas! Não. O 31 de Janeiro é uma data imortal de vitória e de glória, de tragédia e

resgate, de sangue e de lume, de hálito e impeto, de fogo de alma ou sussurro de alge-mas!

Porque, como diz João Chagas ainda:

«... a Revolta de 31 de Janeiro de 1891 não fora a aventura sangrenta mas infecunda de um bando de sectários apaixonados, e que não se apagara na história como se apagou o vestígio do próprio sangue que fizera derramar. Ao contrário, essa rebelião de algumas horas fora largamente fecunda, pois determinara o mais benéfico abalo moral porque passou a sociedade portuguesa no século XIX». Evidentemente.

* * *

Nesta hora, sejam as palavras que aí ficam a mais respeitosa homenagem, a mais comovida homenagem à memória honrada dos meus saudos amigos coronel Manuel Maria Coelho e Luís Augusto Simões de Almeida, combatentes e revolucionários sonhadores do 31 de Janeiro de 1891, e que depois foram, respectivamente, ministro e senador da República.

Como todos, também eles, com uma fé puríssima, antevendo melhores dias para Portugal, lutaram por uma pátria grande e dignificada.

Oxalá que a sua formosa visão de paladinos e românticos se converta em realidade fecunda, para que Portugal seja cada vez maior, mais próspero e mais feliz!...

1954.

A. GARIBÁLDI.

Descarrilamento

O comboio que parte desta cidade, para o Porto, às 12,30 horas, descarrilou ontem, perto de Vizela, originando vários ferimentos sem gravidade e três mortos.

O sinistro causou grande pânico.

GRAVE DESASTRE

Um morto e feridos

Um camião, pertencente ao sr. Albino Ferreira de Carvalho, e conduzido por Salvador Gonçalves da Silva, de Paredes, seguiu desta cidade em direcção a Santo Tirso. No lugar do Pocinho, em Nespereira, ao aproximar-se de uma furgoneta, pertencente ao sr. António da Silva, daquele lugar, o camião derrapou, após uma travagem, e precipitou-se num campo, com dois metros de profundidade, depois de ter embatido num automóvel, conduzido pelo seu proprietário sr. Isaac Ferreira de Oliveira Guimarães, industrial.

Neste carro seguia o pai do condutor, sr. Manuel Ferreira de Oliveira Guimarães, que, em consequência dos ferimentos recebidos, faleceu momentos depois.

Ficaram feridos outros ocupantes, que eram Maria Ferreira, Manuel Ferreira Pereira e Albino da Costa, todos da freguesia de Moreira de Conegos, mas mais gravemente a primeira e o condutor, que recolheram ao hospital desta cidade. Os veículos ficaram muito danificados.

Lamentando a trágica ocorrência desejamos as melhoras do nosso prezado amigo sr. Isaac Ferreira de Oliveira Guimarães.

Simão António Fernandes

participa a todos os seus estimados clientes que mudou, provisoriamente, o seu estabelecimento de pichelaria para a sua residência na Rua Abade de Tagilde, Telef. 40349, nesta cidade, onde espera continuar a receber as suas ordens.

A GENTE

LITOGRAFIA com organização gráfica moderna e muito importante, precisa de entidade individual muito relacionada no meio industrial, para Guimarães e arredores, com possibilidades de deslocação. Referências para a Rua do Almada, 560 — Porto.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 27, mademoiselle *Esmeraldina Sepúlveda Barreira*, filha do nosso bom amigo sr. *Manuel de Almeida Barreira*; no dia 1 de Fevereiro, os nossos amigos srs. *Mário Barroso Lopes* e *António Dias Machado*, de *Gnardizela*, e Eng.º *António José Mendes da Silva*, residente em *Vila do Conde*; no dia 2, os nossos prezados amigos srs. *José Maria dos Santos Fonseca* e *Armando Martins Ribeiro da Silva* e a sr.ª *D. Alexandrina Teixeira de Aguiar Mendes Ribeiro*, esposa do nosso prezado amigo sr. *José Mendes Ribeiro Júnior*; no dia 3, o nosso prezado amigo sr. *João Xavier de Carvalho*; no dia 4, os nossos prezados amigos srs. *João Eduardo Alves Lemos*, residente em *Estremoz*, *Amaro Lopes Martins*, ausente em *Santos (Brasil)*, e *Alberto Caetano de Almeida*, residente no Porto; no dia 5, os nossos bons amigos srs. *José Ramos Martins Fernandes*, ausente no Brasil, *Manuel Leite Pereira*, *Alfredo da Costa e Silva* e as sr.ªs *D. Camila Ramos*, *D. Emilia Almeida*, distinta professora oficial aposentada, e *D. Almerinda de Sousa Cardoso*; no dia 6, mademoiselle *Maria Albertina de Freitas Martins da Costa*, gentil filha da sr.ª *D. Maria da Conceição de Freitas Ribeiro Martins da Costa*, e os nossos prezados amigos srs. *Manuel Joaquim da Cunha Machado* e *Alberto Gomes Alves* e as meninas *Maria do Carmo Gonçalves Dias de Castro* e *Quiteria Glória Pereira*; no dia 7, o nosso prezado amigo sr. Eng.º *Eleutério Martins Fernandes*, distinto director da *Comp. F. T. de Guimarães*, e mademoiselle *Maria José*, filha do nosso prezado amigo sr. *Constantino da Costa Lameiras*.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

D. Domingos Gonçalves — No próximo dia 1 de Fevereiro, faz anos o nosso ilustre conterrâneo sr. D. Domingos da Silva Gonçalves, venerando Bispo da Guarda, a quem «Notícias de Guimarães» apresenta os seus respeitosos cumprimentos com votos de longa vida.

Partidas e chegadas
Esteve entre nós o nosso prezado amigo sr. Francisco Lage Jordão.
— Vindo da cidade da Beira e acompanhado de sua esposa, encontra-se nesta cidade, com demora de alguns meses, tendo-nos dado o prazer da sua visita e de amáveis cumprimentos, o nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva Meneses.
— De Paçô-Vieira partiu para as suas propriedades de Briteiros, o nosso querido amigo sr. Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira.
— Esteve com sua esposa em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. Francisco Alberto da Cunha Guimarães.

Nascimento
Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria Natália Costa Pimenta Machado, esposa do nosso prezado amigo sr. Alberto Pimenta Machado Júnior, sócio gerente da Fábrica de Tecidos de Vila Pouca.
Mãe e filha estão bem. Parabéns.

Doentes
No Porto, submeteu-se há dias a uma intervenção cirúrgica, o nosso prezado amigo sr. Silvino Malheiro Rodrigues.
— Tem passado ligeiramente incomodado com gripe, o nosso prezado amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.
— Também esteve doente a sr.ª D. Modesta de Sá Alpoim, esposa do nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva Meneses.
— Continua a melhorar dos seus incomodos o nosso prezado amigo e illustre Provedor da Misericórdia sr. Professor Mário de Sousa Meneses.
— Esteve bastante incomodado mas encontra-se já em vias de franco restabelecimento o nosso prezado amigo sr. António Emílio da Costa Ribeiro.
— Tem estado doente o nosso prezado amigo sr. António de Sousa Lima.
— No Hospital de Fafe, onde se encontra internado em quarto particular, foi submetido a uma operação da apêndice o nosso prezado amigo sr. Carlos Alberto Cardoso.
— Tem passado incomodado o nosso prezado camarada sr. J. Gualberto de Freitas.
— Também tem passado incomodado o nosso prezado amigo sr. Antão de Lencastre.
— Em Raimonda (Freamunde) tem passado ligeiramente incomodado o nosso querido amigo rev. dr. Francisco de Melo.
— Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios
Aniversário Fúnebre
Em comemoração do 2.º aniversário da morte do inditoso mancobo Fernando José Gomes Soares de Oliveira, estremeado filho do nosso bom amigo sr. Manuel Gomes de Oliveira, sua família manda celebrar uma missa, sufragando a sua alma, às 8,30 horas, na capela de S. Domingos, na próxima 6.ª-feira, dia 5 de Fevereiro.

José Maria da Silva (Escuvilheiro)
Faleceu, com a provecta idade de 85 anos, o sr. José Maria da Silva (escuvilheiro), pai do sr. Francisco da Silva, a quem, assim como à restante família dorida, apresentamos condolências.
O funeral do simpático velhinho realizou-se do templo de N. S. da Oliveira para o cemitério Municipal.
Joaquim Pinhão Leite
Na sua residência, à rua de Francisco Agra, finou-se na quinta-feira o sr. Joaquim Pinhão Leite, pai das sr.ªs D. Maria Grácia e D. Maria Manuela Pinhão Leite e do sr. Gaspar Maria Pinhão Leite, tendo-se efectuado o funeral ante-ontem no templo da Misericórdia, com numerosa assistência.
Os nossos pésames à família dorida.
*
Faleceram: nesta cidade, na sua residência à rua de S. Dâmaso, a sr.ª D. Maria de Oliveira Bastos, e na freguesia de Santa Marinha da Costa a sr.ª D. Maria Mendes, mãe dos srs. Manuel e José Mendes de Castro; na rua da Cruz de Pedra o sr. Manuel Mendes da Sil-

Falec. e Sufrágios
Aniversário Fúnebre
Em comemoração do 2.º aniversário da morte do inditoso mancobo Fernando José Gomes Soares de Oliveira, estremeado filho do nosso bom amigo sr. Manuel Gomes de Oliveira, sua família manda celebrar uma missa, sufragando a sua alma, às 8,30 horas, na capela de S. Domingos, na próxima 6.ª-feira, dia 5 de Fevereiro.

José Maria da Silva (Escuvilheiro)
Faleceu, com a provecta idade de 85 anos, o sr. José Maria da Silva (escuvilheiro), pai do sr. Francisco da Silva, a quem, assim como à restante família dorida, apresentamos condolências.
O funeral do simpático velhinho realizou-se do templo de N. S. da Oliveira para o cemitério Municipal.

Joaquim Pinhão Leite
Na sua residência, à rua de Francisco Agra, finou-se na quinta-feira o sr. Joaquim Pinhão Leite, pai das sr.ªs D. Maria Grácia e D. Maria Manuela Pinhão Leite e do sr. Gaspar Maria Pinhão Leite, tendo-se efectuado o funeral ante-ontem no templo da Misericórdia, com numerosa assistência.
Os nossos pésames à família dorida.
*
Faleceram: nesta cidade, na sua residência à rua de S. Dâmaso, a sr.ª D. Maria de Oliveira Bastos, e na freguesia de Santa Marinha da Costa a sr.ª D. Maria Mendes, mãe dos srs. Manuel e José Mendes de Castro; na rua da Cruz de Pedra o sr. Manuel Mendes da Sil-

Faleceram: nesta cidade, na sua residência à rua de S. Dâmaso, a sr.ª D. Maria de Oliveira Bastos, e na freguesia de Santa Marinha da Costa a sr.ª D. Maria Mendes, mãe dos srs. Manuel e José Mendes de Castro; na rua da Cruz de Pedra o sr. Manuel Mendes da Sil-

D. Elvira Zeferina da Silva Correia
No Porto e na sua residência, à rua Mousinho da Silveira n.º 185, finou-se na 5.ª-feira, após cruciantes sofrimentos que soube suportar com verdadeira resignação cristã, a nossa conterrânea sr.ª D. Elvira Zeferina da Silva Correia, irmã da sr.ª D. Raquel Maria da Silva Correia Costa, casada com o sr. Francisco Alberto Costa, comerciante no Porto, e do sr. José Fernandes da Silva Correia e tia do sr. José Manuel da Veiga Correia, comerciante no Porto.
A extinta, que contava 61 anos de idade e era dotada de acrisoladas virtudes e de um espírito muito alegre, era aparentada com as estimadas famílias Quadros Flores e Novais Teixeira.
O seu funeral, a que foram assistir bastantes pessoas desta cidade, relacionadas com a estimada família, realizou-se no Porto na tarde de ante-ontem, para o cemitério do Repouso, tendo fechado o caixão o sr. dr. João Rocha dos Santos, amigo íntimo da família.
A toda a família dorida, e dum modo especial aos irmãos e cunhado da saudosa senhora, apresentamos as mais sentidas condolências.

Domingos Alfredo Mendes
Misse do 1.º aniversário
A família do saudoso Domingos Alfredo Mendes, para comemorar o 1.º aniversário do seu falecimento, manda rezar uma missa no dia 6, às 8 horas, na igreja de N. S. da Oliveira, em sufrágio de sua alma e convida a assistirem ao piedoso acto as pessoas das suas relações e amizade.

Manuel Ferreira de Oliveira Guimarães
Em consequência de um lamentável desastre de viação, ocorrência a que noutro lugar nos referimos, faleceu, contando 81 anos, o sr. Manuel Ferreira de Oliveira Guimarães, casado com a sr.ª D. Rosa da Cunha Oliveira Guimarães e pai das sr.ªs D. Laura e D. Maria da Cunha Oliveira Guimarães e dos srs. Armando, Domingos, Adelino, José, Lucílio, Guilherme e Isaac da Cunha Ferreira de Oliveira Guimarães.
O seu funeral, que constituiu uma grande manifestação de pesar, realizou-se ontem da residência do extinto, do Outeirinho, em Moreira de Cónegos, para a igreja paroquial e dali para o cemitério.
A toda a família dorida apresentamos muito sentidas condolências.

Diversas Notícias
Serviço de Farmácias
Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do «Laboratório Hórus», ao L. do Tournal, Telef. 4329.

A missa do 7.º dia, por alma da nossa saudosa conterrânea, será rezada na 4.ª-feira, às 10 horas, no templo da Misericórdia.

A missa do 7.º dia, por alma da nossa saudosa conterrânea, será rezada na 4.ª-feira, às 10 horas, no templo da Misericórdia.

Eduardo Torcato Ribeiro

AGRADECIMENTO

Sua esposa, filhos, genros, netos e mais família vêm por este ÚNICO MEIO, agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas que assistiram ao funeral do saudoso extinto, ou por qualquer forma manifestaram o seu pesar em tão doloroso transe, a todos testemunhando o seu indelével reconhecimento.

Guimarães, 26 de Janeiro 1954.

A FAMÍLIA.

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828
ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados.)
EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903 Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Teatro Jordão
— HOJE, N.º 15 E 21 HORAS —
APRESENTA
DUAS CONFISSÕES
Nada a detinha!... Era capaz de mentir, matar... e beijar para alcançar o seu fim.
com *Barbara Stanwyck* e *Wendell Corey*
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

TRAZA-PIADA, 2--N.º 21 HORAS
DESEJO DE MULHER
Para uma das filhas, era perfeita e encantadora... para outra era uma rival.
com *Barbara Stanwyck* e *Richard Carlson*
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

QUINTA-FEIRA, 4--N.º 21 HORAS
NÃO MATEI
com *Silvana Mangano* e *Amedeo Nazzari*
Um filme trágico, violento e brutal como a própria vida.
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

SÁBADO, 6--N.º 21 HORAS
Em Sessão Popular
Avinganção da Água Negra
com *Rossano Brazzi* e *Gianna Maria Canale*
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

CASA DOS POBRES
GUIMARÃES
Assembleia Geral

Por ordem do Ex.º Presidente, convido os sócios Subscritores desta Casa dos Pobres para uma reunião da Assembleia Geral, a efectuar-se no próximo dia 7 do mês de Fevereiro, pelas 16 horas, para nos termos do artigo 22.º dos Estatutos, discutirem e aprovarem o Relatório e contas desta Instituição, respeitante ao ano de 1953.
Se no dia designado para a reunião da Assembleia Geral, não comparecer número legal de Subscritores, para a mesma poder funcionar, ficará adiada para o dia imediato, 8 de Fevereiro, pelas mesmas horas, funcionando com qualquer número de Subscritores presentes.
Guimarães, 28 de Janeiro de 1954.

O Secretário da Assembleia Geral, 50
António Emílio da Costa Ribeiro.

DECLARAÇÃO

Manuel de Almeida, casado, proprietário, residente no lugar do Miradouro da freguesia de S. Miguel de Creixomil, do concelho de Guimarães, segurado da Companhia de Seguros Fidelidade pela apólice n.º 333.527, declaro que recebi da referida Companhia, por intermédio do seu representante geral no Pevidém, Ex.º Sr. Manuel de Castro, a quantia total dos prejuízos sofridos pelo incêndio de que fui vítima no dia 11 de Novembro passado.
Agradeço à Companhia e ao

Terreno Na Avenida Conde de Margaride, com 431 metros quadrados, VENDE-SE.
Falar com Augusto de Magalhães — Largo do Tournal, 68 — Guimarães.

As fábricas de tecidos de algodão Pessoa muito relacionada na praça e arredores de Setúbal, com escritório no centro da cidade há muitos anos, aceita representações, dando preferência a pequenas colecções. Pode indicar boas firmas para referências. Resposta a este jornal ao n.º 100.

TERRENO COMPRA-SE nas zonas industriais da cidade, cerca de 3.000 m². Trata dr. Fernando Ayres. 49

VENDE-SE A quinta de Sumes em Pevidém Guimarães. Tudo junto ou em fracções. Todos os terrenos têm água de minas e da Central Elevatória do Rio Selho. Também se vendem todos os terrenos, Central Elevatória, Cabine, Linhas, Açude com 13 metros de alto, Moinhos e outras pertenças da Sociedade Agrícola de Sumes, Manuel Ribeiro da Cunha, L.da. Tratar em Sumes com Manuel Ribeiro da Cunha, ou em Guimarães com o Ex.º Sr. Dr. Júlio Soares Leite. Facilitam-se os pagamentos. 30

DECLARAÇÃO
Manuel de Almeida, casado, proprietário, residente no lugar do Miradouro da freguesia de S. Miguel de Creixomil, do concelho de Guimarães, segurado da Companhia de Seguros Atlas pela apólice n.º 111.501, declaro que recebi da referida Companhia, por intermédio do seu representante geral no Pevidém, Ex.º Sr. Manuel de Castro, a quantia total dos prejuízos sofridos pelo incêndio de que fui vítima no dia 11 de Novembro passado.
Agradeço à Companhia e ao

seu representante, Sr. Manuel de Castro, a forma como souberam encarar este sinistro e a honestidade como procederam à sua liquidação.
Autorizo aquelas entidades a fazer desta declaração o uso que entenderem.
Creixomil — Guimarães, 2 de Dezembro de 1953.

Manuel de Almeida.

seu representante, Sr. Manuel de Castro, a forma como souberam encarar este sinistro, e a honestidade como procederam à sua liquidação.
Autorizo aquelas entidades a fazer desta declaração o uso que entenderem.
Creixomil — Guimarães, 2 de Dezembro de 1953.

Manuel de Almeida.

seu representante, Sr. Manuel de Castro, a forma como souberam encarar este sinistro, e a honestidade como procederam à sua liquidação.
Autorizo aquelas entidades a fazer desta declaração o uso que entenderem.
Creixomil — Guimarães, 2 de Dezembro de 1953.

Manuel de Almeida.

seu representante, Sr. Manuel de Castro, a forma como souberam encarar este sinistro, e a honestidade como procederam à sua liquidação.
Autorizo aquelas entidades a fazer desta declaração o uso que entenderem.
Creixomil — Guimarães, 2 de Dezembro de 1953.

Manuel de Almeida.

seu representante, Sr. Manuel de Castro, a forma como souberam encarar este sinistro, e a honestidade como procederam à sua liquidação.
Autorizo aquelas entidades a fazer desta declaração o uso que entenderem.
Creixomil — Guimarães, 2 de Dezembro de 1953.

Manuel de Almeida.

Assim fala — com todo o respeito pela memória consagrada do notável Prof., sempre evocada com saudoso apreço, e gratidão pela sua carinhosa simpatia — a sabedoria da inteligência e da cultura: mas outra sabedoria, esta do coração e do sentimento, exprime-se de modo antagónico no venerando *Cardeal Saraiva*, sendo certo que, anteriormente, no mesmo sentido se haviam pronunciado, como ele mesmo nota, *António Ribeiro dos Santos* e *João Pedro Ribeiro*. Para estes, como para *Frei Francisco de S. Luís*, o português é o desenvolvimento de um idioma primitivo, originário da antiga língua ou dialecto da língua de Espanha, ou até da velha Lusitânia, embora sofresse, no transcurso dos séculos, mas sem adulteração profunda, a introdução de vários termos de línguas estranhas. Na «Memória em que se pretende mostrar que a língua portuguesa não é filha da latina, nem esta foi em tempo algum a língua vulgar dos Lusitanos», sustenta: «a língua portuguesa tem diferente génio da latina; os vocábulos que nela há, derivados imediatamente do latim, são muito menos em número do que vulgarmente se supõe; e que outros muitos, que efectivamente têm essa derivação, não provam a filiação pretendida, mas sômente algumas analogias (que não negamos) entre os dois idiomas». Com paciência e convicção aduz seus vários considerandos, entre os quais, ao mencionar os documentos escritos em latim bárbaro, com aguda penetração e certa justiça aponta o facto de neles se encontrarem «a cada passo vocábulos da linguagem comum, que os notários já mal sabiam alatar, e às vezes deixavam com suas vulgares terminações e formas.»

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

«A história do povo é a história das instituições municipais»
Gama Barros.
A' Ex.ª Câmara Municipal
Of. EDUARDO DE ALMEIDA.

Nos meus tempos de moço andarilho, com o enfeitiço de rústicas jornadas, impressionava-me, no falar do povo, a rotina perseverante no amanho arcaico do falar, um dizer antigo mas revivo e moço, sem bafio, antes rosmaninholo, quantas vezes mais expressivo, de natural, que muitas bafiosas doutóricas impertigadas. Tal como na Beira, «uma língua viva, bulhosa e branca como a água que sai da rocha», com «expressões breves e directas admiráveis quanto a traduzir movimento, cor, estados de alma» (assim o nota o notável mestre de arte literária *Aquilino Ribeiro*, escritor verdadeiramente português, em *Arcas Encoiradas*).

Não posso arrancar-me na despedida a estas tão velhinhas antiguidades sem como, direi, saudades, um sentimento nebuloso, ao mesmo tempo moimento de nostalgia e alvo-roçado da inquietação especial, na seiva dos anelos primaveris. Que profunda verdade não há na singela resposta do

formoso Poeta *Lusíada Teixeira de Pascoais* ao notável Ensaista *António Sérgio*: «Oh meu amigo, os espectros vivem! A sua matéria de ilusão é mais real e viva que a de muitos corpos humanos, cuja presença é revelada apenas pela sombra que projectam...» Tão sumidas, esquecidas, quase extintas no total apagamento, sombras de um passado distante, tão longe que vai como desfeito no infinito sempre relativo do espaço e do tempo, eu as vi, senti, e como elas, espectros mais vivos que minha própria existência natural e fugaz, andei entre o pó das cavalgadas e no tumulto dos prélhos com chafurdas de sangue, na grita estertorante dos arraiáis, ou no acolhimento medroso das noites desertas, na agonia da assolação como no ímpeto da arremetida, reconstruindo pedra a pedra mais uma vez o lar desfeito e morto em berço novo de gerações futuras, com as mãos calejadadas de erguer ao ar a enxada e voltar a cavar a terra — *mater omnium*... (1)

(1) Ao terminar esta primeira parte do trabalho quero consignar meu profundo reconhecimento ao director e aos meus companheiros de trabalho nas oficinas do *Notícias de Guimarães* pelo acolhimento e ajuda que me prestaram, assim como, não sem surpresa e enternecida gratidão, aos leitores interessados até ao sacrifício do aturo de tão enfadonhas divagações históricas. O continuar da Peregrinação fica, agora, dependendo mais estreitamente da Ex.ª Câmara Municipal de Guimarães, por me ser impossível fazê-lo mais sem ela realizar o que se dignou honrosamente prometer, sem que eu o houvesse pedido, o que me obrigou muito penhorada e gratamente.

PELO DESPORTO



O VITÓRIA

no Campeonato Nacional de Futebol



VITÓRIA, 3 SETÚBAL, 1
TRIUNFO DIFÍCIL

Os grupos formaram:

Vitória: — Silva; Rebelo, Cerqueira e Queiroz; Cesário e José da Costa; Juanin, Gilberto, Caraça, Miguel e Rola.

Setúbal: — Baptista; Orlando, Primo e Graça; Vaz e Pinto de Almeida; Soares, Melão, Inácio, Fernandes e Casaca.

Árbitro: — António Calheiros, de Lisboa.

Tentos: — Primeira parte, 1-1, aos 38 m., por Juanin, e aos 43 m., por Melão. Segunda parte, 3-1, por Caraça e Miguel, aos 2 e 31 m., respectivamente.

A partida de domingo transacta, na Amorosa, em que o Vitória derrotou o seu homónimo de Setúbal, foi das mais emotivas ali realizadas do campeonato que decorre.

Autêntico jogo de campeonato, praticou-se um futebol eficaz, procurando ambos os grupos atingir, sem perda de tempo, evitando preciosismos exagerados, a balisa contrária, sem que qualquer deles evidenciasse supremacia notória.

Actuando de princípio algo mais unidos, mercê da sua toada de bola rente ao solo, que sempre usaram durante todo o desafio, os sadinos deram boa conta de si e mostraram suas intenções, pela concretização das quais sempre obstinadamente lutaram, vendo logo nos primeiros minutos do desafio Silva anular, com defesa de valor, a obtenção dum tento, registando-se ainda um difícil corte de José da Costa, oportuníssimo.

Os vimezanenses depressa verificaram que para levar de vencida aquele adversário tinham de apelar para toda a sua capacidade de jogo.

E ainda que não conseguissem superiorizar-se aos adversários na esquematização das jogadas, por diferentes tácticas de defesa, usando com vantagem, no confronto das mesmas, os setubalenses de marcação curta — a chamada marcação ao homem — que quando executada por jogadores lestos e enérgicos leva vantagem à marcação por zonas, mais usada na defensiva vimezanense, pois esta embora possa conduzir a resultados semelhantes, permite, no entanto, uma mais livre movimentação ao sector atacante contrário. É evidente que o facto de os nossos defesas fazerem a marcação a uma distância maior do que a que seria para desejar, deve-se, no caso de Queiroz, ao motivo de não ser um jogador rápido, e em Rebelo e Cerqueira por estes preferirem, por assim poderem oferecer mais segurança, usar da experiência, desarmando o adversário quando este os tenta passar, e poupando-se à arrasante disputa da permanente interceptação dos lances.

Apesar dessa vantagem oferecida à organização do ataque contrário, notou-se, depois das duas oportunidades dos sadinos acima referidas e logo que os nossos representantes passaram a jogar a bola mais rente ao solo, que a insistência destes era mais firme e vibrante e assim nada surpreendeu a marcação do seu 1.º tento.

A segunda jogada infeliz dum defesa visitante, Os setubalenses, ainda no primeiro tempo, conseguiram repor a igualdade.

A segunda parte começou, pode dizer-se, com um golo de Caraça, que deu o caminho da balisa a um remate de Juanin. Os visitantes não cederam e criaram algumas oportunidades que não alteraram o marcador por felicidade dos vimezanenses, vindo estes a alcançar o tento da confirmação do triunfo numa jogada de Miguel, que escapando-se a dois defesas, deu à bola, quando Baptista se aprestava para defender, o caminho das malhas. E só de então em diante ficou o vencedor definido.

A turma de Biri mostrou e bem os conhecimentos do seu treinador. Bem preparada fisicamente pôde, usando de muita rapidez, movimentar-se em bom plano, criando embaraços na defensiva vimezanense. A actuação do defensor central Primo, foi notável; Pinto de Almeida foi o melhor médio em campo, realizando uma exibição de categoria; Soares e Fernandes secundaram-no bem.

O Vitória venceu com a dificuldade, que aliás já se previa. Do sector defensivo já falámos; José da Costa, a médio, foi mais útil à defesa do que ao ataque. No sector atacante destacaremos Juanin, em crescente de forma, sendo o melhor elemento, seguido de Caraça, que acabou arrasando, com seu notável poder atlético e a sua generosa persistência na luta, o possante adversário que se lhe opunha — Primo. Dos interiores, Miguel foi o melhor; Gilberto teve uma actuação demasiado discreta, e Rola, pouco confiante, podia ter feito melhor.

A arbitragem do sr. A. Calheiros, de Lisboa, não foi isenta de erros, mas pode considerar-se satisfatória.

Herländer.

Resultados gerais da 14.ª Jornada

Atlético — Boavista, 5-1
Benfica — Lusitano, 5-2
Oriental — Belenenses, 3-0
Vitória (G.) — Vitória (S.), 3-1
F. C. Porto — Covilhã, 1-0
Barreirense — S. C. Braga, 0-0
Académica — Sporting, 0-2

Classificação geral

	Jogos	Golos	Pont.
Sporting	14	35-14	21
F. C. do Porto	14	33-12	20
Belenenses	14	22-16	19
Benfica	14	31-22	17
Vit. Guimarães	14	26-31	17
Atlético	14	28-20	15
Sport. Braga	14	27-20	15
Sport. Covilhã	14	17-20	12
Académica	14	17-21	12
Barreirense	14	11-19	12
Vit. Setúbal	14	24-29	10
Oriental	14	20-29	9
Lusitano	14	17-36	9
Boavista	14	14-33	8

ASSEMBLEIA GERAL do VITÓRIA

Realizou-se anteontem à noite, com bastante concorrência de sócios, a continuação da Assembleia Geral do Vitória, para a eleição



António Urgezes dos Santos Simões

da nova Direcção, à qual fica a presidir o nosso prezado amigo sr. António Urgezes dos Santos Simões, espírito empreendedor e que à Colectividade tem prestado já relevantes serviços. Os cargos ficaram assim distribuídos:

Assembleia Geral — Presidente, dr. João Mota Prego de Faria; vice-presidente, dr. Miguel Antas de Barros; 1.º secretário, Angelo de Sousa e Silva Madureira; 2.º dito, Alexandre da Costa Rodrigues. **Conselho Fiscal** — Presidente, Joaquim de Sousa Oliveira; secretário, dr. António Rocha; relator, eng.º Helder Rocha. Suplente, Joaquim Teixeira. **Direcção** — Presidente, António Urgezes dos Santos Simões; vice-presidente, eng.º Alberto Costa; secretário geral, José Mendes Ribeiro Júnior; secretário adjunto, José Ribeiro; tesoureiro, Francisco Ribeiro Pinto; tesoureiro adjunto, Amadeu Guimarães. Vogais: Alberto Pimenta Machado Júnior, Manuel Cardoso do Vale, João Mendes de Oliveira e Egidio da Costa Pinheiro.

MOMENTO de contrastes

A actividade desportiva, como na vida, tem o seu lado bom e a sua face má. Verdadeiro aspecto de contrastes, demonstrativos de que se deve ter sempre em atenção as duas circunstâncias, para se poder bem analisar uma situação, dela tirar a lição verdadeira e não nos deixarmos guiar somente por uma das impressões.

Vive a massa associativa do Vitória no momento presente uma hora de verdadeira satisfação. Os resultados da sua equipa principal, as promessas do seu grupo de juniores, as suas classes de ginástica, a melhoria na prática de várias modalidades desportivas, o aumento das suas instalações no Campo da Amorosa, tudo demonstra um progresso desportivo evidente. E assim o adepto guiado somente pelos triunfos que o consola, pela sua classificação de emparelhamento com os grandes que o satisfaz, vive crente de que tudo é segurança, — não havendo este ano o perigo de uma baixa de divisão, — não cuida de analisar se a par disto tudo, verdadeiramente eufórico, a vida da colectividade é estável, de verdadeira tranquilidade, prometedora dum futuro também bunaco.

Atastam-se assim os sócios dos problemas ventilados nas suas Assembleias Gerais, deixam que eles se resolvam somente pela constância de alguns, negam mesmo a sua colaboração efectiva quando solicitada, num descuido pernicioso que pode transformar uma obra erguida com carinho, com perseverança, num futuro de resultado problemático.

Não pode ser assim. A sala grande da sede do Clube não se encheu nas últimas Assembleias Gerais e se ainda não foi

Campeonato de JÚNIORES

Já se disputaram duas jornadas do campeonato regional de juniores, que este ano felizmente para melhoria do futebol minhoto tem a concorrência de sete equipas. Dado o seu carácter de iniciação futebolística esta prova é o prenúncio de interesse na criação de valores do próprio meio, de modo a permitir no futuro um recrutamento menos dispendioso e mais certo, pois mais facilmente se possibilita o conhecimento da capacidade de um novo jogador. A equipa do Vitória, pela qual o seu dedicado treinador Cândido Tavares tem o maior carinho, jogou pela primeira vez, no passado domingo, perante o seu público no Campo da Amorosa e demonstrou capacidade verdadeiramente prometedora para o futuro. O seu adversário foi o Sporting de Braga e o encontro decorreu agradavelmente, com manifestação superioridade dos locais, de tal modo que o seu guarda-redes pouco ou quase nada teve que fazer. Existem na equipa vimezanense valores prometedores mas que para já evitamos evidenciar, dado se encontrarem no princípio da sua carreira. Queiram eles seguir com cuidado os conselhos do seu treinador e virão a ser no futuro realidades proveitosas para as primeiras categorias do seu Clube. Venceram este jogo os vimezanenses por 2-0.

Os resultados das duas jornadas foram os seguintes:

1.ª Jorn.ª — Académico, 0 - Vitória, 2; Sp. Braga, 3 - Sp. Fafe, 0; F. C. Fafe, 1 - Vianense, 3.
2.ª Jorn.ª — Vitória, 2 - Sp. Braga, 0; Vianense, 0 - Académico, 1; Sp. Fafe, 0 - F. C. Vizela, 4.
Classificação — Vitória, 4; Vizela, 2; Sp. Braga, 2; Vianense, 2; Académico, 2; Sp. Fafe, 0; F. C. Fafe, 0.

A tragédia do árbitro

Era árbitro de futebol. Ele não sabia bem porquê. Entendia, de facto, do jogo que já abandonara a conselho do médico e com certa pena. Os amigos do clube reconheciam que se ele não fôra um jogador brilhante, nunca deixara de ser correcto, respeitador das leis, cultor do «fair play».

Quando se tratou da escolha de um árbitro, logo o seu nome foi indicado e os outros clubes locais concordaram. Não podia ser melhor a indicação. Ele reunia todas as qualidades. Era um homem sério e competente, incapaz de uma transigência por mais que os sentimentos o impelssem, que a simpatia o fizesse empurrar para os seus camaradas clubistas.

Ao princípio recusou com firmeza. Insistiram e tornaram a insistir e a sua oposição foi enfraquecendo até acabar por aceitar.

O árbitro era casado, com uma boa mulher, simpática, de quem as vizinhas da pior língua nada tinham a murmurar. Eram felizes na sua mediania porque o marido não era homem de frequentar cafés e bars, de entrar tarde em casa.

Mas, de há um tempo, a mulher do árbitro vinha sofrendo, em silêncio, com um facto estranho. Sempre que, aos Domingos, o marido regressava de arbitrar um desafio vinha verdadeiramente insuportável.

Pegava por tudo e por nada e sujeitava a mulher a um interrogatório tristemente vexatório. Lá o vir implicativo, rabujento, mal disposto, isso ela estava pronta a desculpar.

— Eram coisas da vida... Correrá-lhe mal a tarde.
O homem do apito tomava po-

totalmente desoladora a presença de associados, muitos daqueles que lá deviam ter ido, pelo seu passado ao serviço do Clube ou pelo que se distinguem nos cafés a criticar a acção dos dirigentes, primaram pela ausência, num desinteresse manifesto que pode provocar instabilidade e insegurança a agremiação. Dizer-se que o Clube está bem entregue e que a sua ausência é prova de confiança, nada justificada, porque somente a assistência continua e interessada pelos problemas que se levantam e que prova actividade e vida associativa.

As dificuldades existentes na elaboração da lista para os Corpos Gerentes, a obrigatoriedade de sacrificio de alguns dirigentes, provam que, no Vitória, não estão a par os triunfos em provas desportivas com sua estabilidade de agremiação próspera, com garantias futuras, de modo a poder-se dizer que o Clube tem uma vida segura e será cada vez melhor.

Uma viragem neste aspecto impõe-se e é urgente que se consiga.

UM DE NÓS.

Notícias de Guimarães n.º 1151-31-1-1954

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.ª publicação

Por este se anuncia que no dia 6 do próximo mês de Fevereiro por 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, se há-de proceder à arrematação em hasta pública do prédio a seguir designado e pelo maior preço que for oferecido acima do indicado.

PREDIO

Prédio urbano, situado na Fonte da Goda, freguesia de Santa Maria de Airão, que se compõe de uma divisão no rés-do-chão e seis no primeiro andar, com a área de 78^m², descrito na Conservatória sob o n.º 43.598 e inscrito na matriz sob o art.º 169, que irá à primeira praça pela quantia de 32.400\$00.

Penhorado na execução por multa e imposto de justiça que o Magistrado do Ministério Público move contra José Ribeiro Vaz, casado, comerciante, do lugar da Fonte Goda, freguesia de Santa Maria de Airão, desta comarca.

E' depositário do prédio penhorado o referido executado.

Guimarães, 20 de Janeiro de 1954.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, 40
do 1.º Juízo,

Adriano Filipe Afonso.

O chefe da secção,
Maurício da Ponte Machado.

BRANCAS
A acreditada
ÁGUA DE COLÓNIA
MIN-HÓR

faz regressar, em poucos dias, os cabelos à cor que tinham de antes. Este maravilhoso efeito é devido à acção do oxigénio do ar sobre o pigmento capilar, combinado com os princípios essenciais de

MIN-HÓR

Usa-se como uma loção ao pentear-se.

LIMPO, SIMPLES, SEGURO.
NÃO É TINTURA

Dirija-se à
FARMÁCIA «HÓRUS»
GUIMARÃES

rém um ar de polícia e ele, normalmente tão simples e comedido, queria saber quem tinha estado em casa, se viera o primo Simplício, se ela saíra, se alguém telefonara...

E o extraordinário era que isso só acontecia aos Domingos!

Num Domingo em que chegou a casa, depois de ter arbitrado um jogo importante da época, vinha completamente transtornado.

Tratou a mulher com tamanha dureza que esta, já cansada de tantos tormentos, resolveu pôr tudo em pratos limpos. E saindo da sua habitual apatia, quando o árbitro começou o interrogatório, com ar feroz e obstinado, ela protestou e disse:

— Ora, então não se passa um Domingo que tu não venhas com uma destas odiosas cenas de ciúme? Tu não sabes que eu fui sempre uma esposa fiel e que ninguém se atreveu nunca a abocanhar-me? Tu não sabes isso, depois de dez anos de casados? Não vês que és cruel e ridículo?

O pobre árbitro pareceu cair em si e respondeu já abrandado:

— Tens razão, minha querida. Eu sei que não és capaz de me enganar. Mas calculas a influência que tem ouvir centenas, milhares de vozes a gritarem o contrário?

JOSÉ MANUEL DA COSTA.

Transcrito da «Provincia de Angola, de Luanda, de 13-12-53».

Uma boa notícia para todos aqueles que sofrem de hérnia

Depois de cinco anos de aplicação em Portugal do moderno método sem moia nem pelota

MYOPLASTIC-KLEBER

o seu criador o INSTITUT HERNIAIRE DE LYON (França) decidiu, para responder ao aumento de clientes, dotar a sua agência portuguesa de uma organização permanente.

De agora em diante as demonstrações terão lugar regularmente e todos os meses nas cidades e vilas. Podereis assim fazer o ensaio gratuito do MYOPLASTIC e apreciar as suas qualidades incomparáveis de leveza, maleabilidade e eficácia.

Este verdadeiro «músculo auxiliar» reforça a parede deficiente e mantém os órgãos no seu lugar

"Como se fosse com as mãos"

Ensaio gratuito das 10 às 12 horas e das 14 às 18 horas.

GUIMARÃES — Farmácia Hórus — Largo do Toural — Dia 8 de Fevereiro.

BRAGA — Farmácia Rome — R. dos Chãos, 111 — Dia 9 de Fevereiro.

PORTO — Farmácia Sousa Soares, Lda. — R. de Santa Catarina, 141 — Dias 11, 13 e 15 de Fevereiro.

Notícias de Guimarães n.º 1151-31-1-1954

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se público que pelo Juízo de direito da comarca de Guimarães e 1.ª secção da respectiva Secretaria, nos autos de execução de sentença que a firma comercial Carneiro, Dias & Companhia, limitada, com sede nesta cidade move contra Alzira Alves Pereira, solteira, comerciante da vila de Cascais, comarca de Lisboa correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquela executada, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos deduzirem os seus direitos na mesma execução.

Guimarães, 11 de Janeiro de 1954.

O chefe da 1.ª secção,
Alberto Fernandes Carreira.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, 46
do 1.º Juízo,

Adriano Filipe Afonso.

COMUNICADO

O signatário torna público que a carta-circular referente a um trespasse da Padaria Avenida, em Celorico de Basto, que tem sido enviada pelo correio a várias pessoas com a assinatura impressa «João Rodrigues», não é de sua autoria, e que processará criminalmente aqueles que se venha a averiguar terem no lamentável caso qualquer interferência ou responsabilidade.

Caldas das Taipas, 25 de Janeiro de 1954.

João Rodrigues.

(Segue o reconhecimento).

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17

Comp. 21 404 PORTO